

ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA

Esta produção biográfica sobre Antônio Gomes de Oliveira, patrono da cátedra nº 22, ocupada pelo acadêmico Eneas Gabriel Resende Moreira tem por objetivo central contribuir com o registro histórico dos patronos da Academia Riachuelense de Letras Ciências e Artes-ARLA. Entendemos que a biografia é, atualmente, uma fonte para se conhecer a História, pois através do estudo de uma vida, torna-se possível saber sobre a época e a sociedade em que viveu. Portanto, esta se define como a história ou a descrição da vida de um ser humano, de suas complexidades, ações e transformações.

A tarefa em escrever essa biografia foi se manifestando muito desafiante devido à falta de fontes escritas sobre o biografado, além da dificuldade em se coletar fontes orais sobre ele. Neste sentido procuramos recuperar fragmentos do que sobrou dos registros de sua vida e interpretá-los dentro do aspecto das práticas religiosas e socioculturais em que estava inserido.

Antônio Gomes de Oliveira, mais conhecido por Mutalambô, é o Babalorixá mais velho e fundador do candomblé Ketu em Riachuelo. Nasceu no pequeno povoado conhecido como Taiçoca de dentro, em Nossa Senhora do Socorro, município do estado de Sergipe, Brasil, no dia 31 de Dezembro de 1941.

Filho de carpinteiro, saveirista, Manoel Gomes de Oliveira, e de Maria Carmelita Góis. Sendo que esta faleceu quando ele tinha apenas 09 anos de idade. Antônio era filho único, porém, após a morte de sua mãe passou a ser criado por sua madrasta Bernadete França de Oliveira, a qual tinha um carinho muito grande por ele. Durante a sua adolescência, Antônio Gomes auxiliava seu pai no trabalho e, com isso, acabou herdando a arte de carpinteiro e escultor, porém, Antônio cursou até a 4ª série do ensino fundamental menor, pois, apesar da baixa escolaridade ele possuía uma inteligência genial.

Devido à profissão do seu pai Manoel Gomes de Oliveira, Antônio e seus pais vão para a cidade de Barra dos Coqueiros, onde reside por algum tempo e em seguida vai para a cidade de Riachuelo, cidade em que é plantada e brotada a sua história.

Quando vem para Riachuelo, este reside na Rua José da Costa Santos, conhecida popularmente por “Rua da Palha”, pois, é nesta localidade que Antônio ganha destaque pelos ritos que cunhava, ao ponto de gerar uma forma de comércio, lazer, devido às festividades religiosas. Pois, a população aplaudia as suas comemorações e assim, se destaca a senhora Elvira que improvisava barracas para vender comidas. Mas, são com as construções dos templos sagrados na Rua Santa Cruz, que se realizam as festividades pomposas tanto no sagrado quanto no profano.

Essas eventualidades envolviam a comunidade riachuelense e dos municípios circunvizinhos, onde era feita doações de alimentação, com especialidade, aos moradores da rua em que estão situados os templos: o Santuário de São Roque, e o Centro de Culto-Afro *Jacuntá de Saara*. E aos meninos do abrigo de menores do padre Padilha, que tinha uma vivência harmoniosa com Antônio, só que, este não participava dos cultos afro. O padre Antônio de Barros Padilha, conhecido por padre Padilha nasceu em 1909 na cidade de Tobias Barreto, ordenou-se padre em 1932, prestou serviços como pároco nas cidades de Frei Paulo e Rosário do Catete, vindo para Riachuelo em 1945 onde permaneceu até sua morte em 1981.

Devido à grande amizade do pároco da Igreja Católica “Nossa Senhora da Conceição”, matriz da cidade de Riachuelo a Antônio Mutalambô, este em seu acolhimento tinha muitas crianças abrigadas, com isso, geralmente nos dias de segunda- feira quando terminava os cultos aos orixás levava as crianças para se alimentar, ou seja, fazer a refeição.

Como é uma prática existente em terreiros de candomblé, se efetivava os sacrifícios de animais como, aves, boi, bode. Sendo assim, como Antônio era uma pessoa farta e não tendo onde guardar as grandes quantidades de carne armazenava no abrigo do padre Padilha.

Segundo Beatriz Góis, a força de um chefe se mede também pelos ritos que executa para cultuar as divindades. Realizar sacrifícios de bois é sempre lembrado como um ato onde essa força se expressa com vigor. (1988, p.51)

Homem de boa índole perante a sociedade, Antônio Gomes de Oliveira foi vereador em Riachuelo no ano de 1976, e a partir daí teve forte influência no campo político. Ao decorrer das campanhas políticas ele era muito procurado por prefeito, deputado estadual e federal, todos queriam ter o apoio dele por motivo de serem eleitos. Helder Cardoso diz que: “_ Ai ia para casa dele pra que ele pedisse voto. Quando ele pedia era é... como ele desse uma ordem.”.

Sendo assim, diante do amplo prestígio que no qual era dado a Antônio, percebemos o seu poder sobre as pessoas que o circulavam ao ponto de desenvolver uma clara e tranquila campanha política devido ao domínio ideológico praticado por esse. E assim, obtendo como retorno dos candidatos, grandes benefícios.

Segundo os entrevistados, Antônio Mutalambô sempre vivenciou no meio da elite de Riachuelo, onde a sua residência era frequentada por pessoas da nata deste município e do estado, como, Pedro de Oliveira, que era prefeito de Riachuelo, José Sebastião, proprietário do colégio e faculdade Pio X, Reinaldo Moura, Nazaré Carvalho, Deputada Angélica, Viana de Assis, Messias Góis, André Moura, Dr. Hélio, Abidias, Licó que era filho de Dr. Liando, entre outros.

Dentre outras ações feitas por ele, à fundação de grupos folclóricos no município devido à carência existente e a despesa que era tida em transporte e hospedagem. Este estilo de manifestação cultural é algo muito presente na vida de Antônio.

O livro “Riachuelo, dança e folguedos folclóricos”, publicado em 1984 pelo Setor de Pesquisa da Subsecretária de Cultura e Artes do Estado, menciona a extinção de grupos de danças de folguedos, a falta de incentivo e interesse por parte da comunidade, a falta de recurso ou o desaparecimento de seus líderes vem prejudicando a preservação das raízes culturais do município. ”(1984, p.06)

Por esse motivo é que foram criados os grupos como, o Cacumbi, a Chegança, Reisado, a Taieira que foi uma das realizações pessoais do biografado, e também, foi um dos organizadores do Batalhão Ferro Velho (que se apresenta nos festejos juninos saudando os santos Antônio, São João e São Pedro).

Portanto, com a morte de Antônio, esses grupos têm o mesmo caminho. E assim, durante os festejos da Festa de São Roque são efetivadas as apresentações, mas, com grupos folclóricos dos municípios circunvizinhos. Porém, na atualidade, os grupos folclóricos estão revivendo através da incitativa de pequenas ações municipais através das secretárias de cultura, assistência social e educação, e da sociedade civil a exemplo da Associação Brasileira de Capoeira Irmãos Unidos, Academia Riachuelense de Letras Ciências e Artes-ARLA. Além disso, o artesanato é, mais uma das suas genialidades, e como costureiro realizou grandes preciosidades ao ponto de uma dessas, esta situada no museu afro do município de Laranjeiras.

“... ele era filho do Oxossi, Oxum e Ogum, era Oxossi, Oxum e Ogum. Ele tinha a roupa de todas as qualidades e todas cor, Maria Padilha fez a roupa do boiadeiro, bordada na frente, a irmã do padre. Ele era muito querido, ele vendeu a roupa a Marizete de caboco toda, a roupa de pena a coisa mais linda, vendeu a roupa verde que era de antigamente, é uma, vendeu a roupa de senhor Ogum que era de um soldado romano tudo para festa de carnaval.(Maria José de Oliveira Santos entrevistada em 01/05/2010)

Observando o relato de pessoas vinculadas ao biografado percebemos o quanto se submergiu de vestuários e ferramentas dos orixás, devido à falta de noção do valor que as suas obras tinham. Além disso, teve grande destaque nas realizações de esculturas de imagens sacras em tronco de cajazeira e moldagem de santos em gesso, moldagem de coroas, esplendores e ferramentas utilizadas pelos orixás em cobre.

Antônio emerge no candomblé

Desde criança já se destacava na religião católica, desenvolvendo por vários anos o papel de Coroinha, pois, aos 17 anos, Antônio adoeceu e não

conseguindo encontrar uma solução na medicina científica, acabou indo em busca da medicina espiritual, deixando de praticar a Igreja Católica Apostólica Romana, passando a visitar o espiritismo no centro espírita Bezerra de Menezes, na cidade de Aracaju. Porém, a sua permanência no espiritismo foi curta, afinal os próprios espíritas falaram para ele que o seu caboclo era de dendê, ou seja, do candomblé.

Ainda com 17 anos, Antônio conhece Lê, que é filho de Nanã que era uma das Mães de Santo mais velha do estado de Sergipe, na cidade de Barra dos Coqueiros. E assim, ele é introduzido no candomblé pelo Babalorixá Lê. Ao saber da introdução do seu filho no candomblé, seu pai falou para sua madrasta que preferia vê-lo degolado a vê-lo no candomblé. No entanto Bernadete apoiou toda sua trajetória nesta nova doutrina religiosa escolhida por ele. Com isso, o jovem através de uma consulta aos búzios descobre que o seu orixá é Oxossi, sendo assim, ele raspa a cabeça com Oxossi no Angola, que daí vem o nome Mutalambô que é o orixá da alimentação.

O evento ocorre na Rua Gararu, no Bairro Cirurgia, em Aracaju capital do estado de Sergipe. Sendo assim, Antônio Gomes de Oliveira inicia no Candomblé, ou seja, efetiva a obrigação de yaô.

Com o passar do tempo, após ter feito sua obrigação, Antônio continua adoentado, residindo na Rua da Palha, e como ele tinha se feito no candomblé ainda jovem, não queria seguir a sua jornada na religião. No entanto, não teve escolha, e assim, realiza as primeiras sessões antes de receber o cargo de pai de santo. A senhora Judite através de entrevista diz que:

“ _ As sessões que ele fazia era assim, rezava igorossi dia de quinta-feira, né? Dia de quinta-feira e sábado, agora de noite, sabe? A gente ia tudo rezar o igorossi, sabe? Agora agente só ia rezar sabe.” (19/03/2010).

O seu pai e a sua madrasta vêm da Taiçoca e reside com ele, mas o senhor Manoel Gomes de Oliveira, não queria que a sua esposa Bernadete França de Oliveira usufruí-se de nenhum alimento ou algo de bens de consumo que fosse originado do candomblé. Afirmava que sua esposa trabalhava e que tudo conquistado por Antônio era coisa do Satanás e este estava se alimentando de

frutos Satânicos. Com isso, seu pai estava doente e vai novamente para a Taiçoca, deixa o seu filho somente com uma esteira, pois o senhor Manoel tinha levado toda mobília.

Os pais de Antônio Xangozeiro retornam a Taiçoca, devido à negação do seu pai Manoel Gomes de Oliveira, a doutrina religiosa escolhida por seu filho, o candomblé. Ele permanece residindo em Riachuelo, e irá tomar outra obrigação só que esta será na nação Ketu com a uma yalorixá conhecida por mãe Pureza, onde recebe o cargo de babalorixá (sacerdote).

Com isso, retoma a sua jornada com o sagrado e funda em Riachuelo o candomblé Ketu, pois, neste retorno é construído o centro Jacuntá de Saara, que teve sua fundação no ano de 1960, na cidade de Riachuelo - Se, na Rua da Palha nº 01, tendo como sede uma latada. Após renovar sua obrigação, o jovem com atitude de ancião obtém saúde e forças para dar continuidade em sua missão, onde irá praticar cultos aos orixás e na maioria das vezes cuidar das pessoas através da medicina espiritual.

(...) não apenas os rituais têm seu modelo mítico, mas os atos humanos, sejam eles quais forem, adquirem uma tal eficiência, a ponto de *repetir*, com toda a exatidão, um ato praticado no começo dos tempos por um deus, um herói ou um ancestral. (Eliade, 1992, pp.26-27)

Ao analisar as entrevistas sobre o biografado, detectamos que todas as pessoas que iniciavam pela navalha de Odé Mutalambô (Divindade da alimentação), era por problemas espirituais que se manifestava por meio de doenças. Sendo assim, percebemos uma repetição do estopim que levou Antônio a iniciar no candomblé.

Tais manifestações são popularmente conhecidas no Brasil e descritas na rede de significados religiosos como manifestações mediúnicas. A pessoa é vista então como médium e tem que desenvolver sua mediunidade com a ajuda de um xamã, ou de um médium já experimentado e iniciado. Isto quer dizer: tais manifestações são sinal de que a entidade que as origina está demonstrando que está impondo à pessoa que faça o percurso dos rituais de iniciação. Do

contrário, estes fenômenos tendem a se intensificar e a se tornarem mais frequentes. (Bartolomeu Tito, 2002, p.82)

Além disso, percebemos que o senhor Antônio iniciou o “desenvolvimento” de suas capacidades mediúnicas, além de descobrir vivenciando na prática do Candomblé não só a manutenção de sua saúde e bem-estar, mas um sentido maior para sua vida e uma oportunidade de fazer o bem a muita gente das redondezas e de outros estados brasileiros, como médium, seja “tirando espíritos malfazejos ou curando doenças contagiosas da época”.

Quando o senhor Antônio funda a latada e realiza os xirês, apesar de ser uma pessoa querida, por grande parte da cidade, este vai receber um mandato de prisão devido à repressão aos cultos afros a ponto de haver uma denuncia anônima feita no distrito policial local que vai ao seu terreiro para prendê-lo e todos que estivessem na localidade e assim tudo que se referisse ao culto afro.

“(...) ai quando ele fez a primeira latada, ai que fez o barracão a gente fez o candomblé Tonho botou o candomblé, a primeira latada o barracão, ai fizemos o candomblé ai chegaram e foram dizer a polícia, aí disseram: _ Chega que ai vem à polícia, aí chegou mesmo, chegou um sargento, mais três soldados, e ele estava manifestado com seu Boiadeiro, aí quando chegou aquelas três polícias, aí dona, dona Zilina se abaixou, aí todo se abaixou tudo, mode a polícia. Ele pegou quatro garrafas de cerveja assim no canto do barracão, seu Boiadeiro foi pegando de um por um e foi quebrando, porque o sargento tinha ordenado para quando o soldado chega lá entrar pegar ele e botar tudo pra fora, ele quebrou tudo as quatro garrafas e acabar sambou em cima, sambou, sambou e não furou o pé. Ai o sargento chegou e disse assim, aí foi embora e deixou.” (Maria José, 09/05/2010)

(...) na Bahia, os terreiros nagôs mais tradicionais são menos atacados pela policia que os “terreiros de caboclo”, ou seja, os mais “sincréticos”, já que os primeiros podem contar com o forte apoio de poderosos intelectuais e políticos. Assim, dessa constelação de força, favoráveis favorece-se um modelo de Candomblé que se torna aos poucos hegemônico no Brasil.(Beatriz Góis, 1988, p.17)

Após sete anos, houve uma necessidade de uma sede própria e mais resistente. Com isso, percebendo a necessidade o próprio dono da casa fez a

promessa, a qual foi realizada em 1966, nesta mesma cidade, pois, o comerciante Pedro Cosme e a sua esposa a senhora Dionísia compraram dois terrenos na Rua Santa Cruz nº160, nesta mesma cidade, e fez a doação ao orixá Oxossi Mutalambô. Sendo assim, Antônio constrói novamente uma latada para os orixás, só que esta não tinha nenhuma resistência, pois era feita de palha e desabou. Mas o prefeito da cidade, o senhor Pedro de Oliveira, edifica um terreiro e um quarto para os santos, ou seja, os orixás que estavam sendo guardados na paróquia de São Roque, que encontra - se anexada ao terreiro. Contudo, desde aí houve grandes festas em louvor as divindades africanas, as quais foram trazidas da África no tráfico negreiro de escravos.

A origem geral do Ilê consiste na tradição e cultos religiosos na Nação Ketu, tendo como patrono da casa o orixá “Oxossi Mutalambô”. Porém, o centro teve como dirigente o seu fundador e Guia Espiritual o Babalorixá “Antônio Gomes de Oliveira”, onde este além de realizar práticas religiosas, utilizará o centro como um órgão extremamente voltado à cultura municipal.

Compreende-se assim por que o axé é o elemento mais importante do patrimônio simbólico preservando e transmitindo pelo grupo litúrgico de terreiro no Brasil. Axé é algo que literalmente se “planta” (graças as suas manifestações materiais) num lugar, para ser depois acumulado, desenvolvido e transmitido. Existe “axé plantado nos assentamentos dos orixás, e no interior (inu) de cada membro do terreiro” (Muniz Sodré, 2002, p.97)

Portanto, foi neste centro que continuou a geração dos filhos de santo de Mutalambô, que expandiu de geração em geração os números de terreiros tornando infinito o seu axé. É possível perceber a força do axé resistente nos terreiros, nos filhos de santo de Antônio Gomes de Oliveira, onde a energia espiritual é herdada de Odé Mutalambô.

Antônio no âmbito cristão

Para que possamos contextualizar Antonio Gomes de Oliveira na doutrina católica brasileira faz-se necessário a apresentação do histórico dessa instituição devido à carência de estudos históricos sobre a (ICAB).

Segundo o histórico escrito por D. Estevam Bittencourt A Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) tem lançado confusão no público, pois pretendem guardar a aparência de Igreja Católica e facilitam a praxe religiosa dos seus seguidores. Esta tem como fundador D. Carlos Duarte Costa, que nasceu em 21 de julho de 1888 no Rio de Janeiro e recebeu a ordenação sacerdotal a 1º de abril de 1911. Aos quatro de julho de 1924 foi nomeado bispo de Botucatu (SP).

Dado que a ICAB se adapta às diversas oportunidades de crescer, há atualmente muitos ramos da mesma independente uns dos outros, o que sugere a denominação Igrejas Católicas Apostólicas Brasileiras em vez de Igreja Brasileira.

Antônio Gomes de Oliveira não submergiu a fé cristã, e assim persiste cultuando as divindades da Igreja Católica Apostólica Romana, onde irá obter uma grande aliança com o padre Padilha ao ponto de zelar a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (asseio do sino e dos demais compartimentos do templo, decoração do andor da padroeira da cidade, entre outros).

Os santos cultuados por Antônio são, Bom Jesus dos Navegantes, Santo Antônio e São Roque. Mas a sua devoção com estas divindades se dá de forma paulatina, pois, o padre Padilha é quem irá auxiliá-lo dando-lhe orações.

“Primeiro ele começou pela festa de Santo Antônio, depois ele começou com São Roque porque chegou uma entidade dele chamada Marujo, chamada marujo não o nome dele era Antônio Roque, ai a gente apelido de seu marujo, ai ele comprou um São Roque ele ganhou um São Roque grande, ai fiquemos adorando, rezando pra são Roque, ele ficou apanhando pelas igreja que padre Padilha gostava muito dele ai deu a ele as orações, e nós ficamos freqüentando.” (Maria José: 09/05/2010)

Com a edificação dos templos sagrados os cultos se expandem e ganha conhecimento estadual, por ser um evento pomposo. Mas para a realização desses templos foi necessário o auxílio de trabalhos voluntários, como, o doador dos terrenos o axogum Pedro Cosme, que era filho de *Xangô Aganju Obateram*, os senhores Eliezer e Joãozinho que retiraram um caminho de

tijolos do Engenho Central, por motivo de ter sido desmanchado, pois, existia uma chaminé que havia desmoronado.

Mas devido ao Padre Gilson perseguir Antônio por este ser Pai de Santo e realizar cultos as divindades cristãs, como, novenas e procissões. Esta perseguição é tão intensa ao ponto de se tornar uma questão judicial, pois o pároco da cidade abre um processo contra o Babalorixá Antônio Mutalambô. Mas, segundo os entrevistados esse processo não vigor devido o promotor da época ter definhado o processo.

Com isso, a necessidade de Antônio Gomes de Oliveira ou Tonho Mutalambô em praticar o sincretismo se transformou um ato de fé e o fez apóstolo de dois caminhos. Assim, mesmo só tendo cursado o ensino fundamental menor, ordenou-se padre da Igreja Católica Apostólica Brasileira no ano de 1993, na rua Acre em Aracaju. Porém, ao se tornar pároco do seu próprio santuário, este, passa para Heraldo Alves a responsabilidade de zelar do Ilê Jacuntá de Saara.

“No inicio era perseguição é... Já deu caso de justiça, da ICAR querer implicar sobre as procissões de São Roque, sobre as festas de São Roque sobre as missas. Mais hoje não tem mais aquela perseguição, hoje se tem até uma união, um certo respeito, se conversão se marca as coisas pra que não se bata mais de frente as datas das festas daí com as festas da igreja romana e antes existia sim uma certa perseguição por parte de alguns padres que passaram os atuais não, mas os que passaram antigamente quando fundou a igreja sim perseguia.” (Helder Cardoso, 20/02/2010)

Com isso, além de batismos e casamentos, o “Padre Xangozeiro” como também ficou conhecido por alguns, agora realizará as festas Cristãs, só que, exercendo a função de pároco do santuário o qual lhe é pertencente.

A festa de Santo Antônio era sempre realizada a cada dia 13 do mês de junho, pois, eram organizados treze dias de missas todas as quartas-feiras, que eram celebradas no Santuário de São Roque. Porém, está festa era efetivada somente para as crianças. Iracilda Silva Santos, em sua entrevista relata que: “_Ele pegava certo número de crianças e fazia a procissão, que acontecia pela noite das 18h30min às 19h30min, depois ele fazia a festa com as crianças.”

Durante a festa de São Roque tinham as novenas todas às noites, e logo após as novenas tinha a procissão pelas ruas da cidade. Porém, esta era realizada no ultimo domingo do mês de Agosto, santo de sua estima consideração. Esta festa tinha uma importância muito grande, tanto no meio católico e candomblecista quanto no meio cultural devido à grande participação da comunidade local e de pessoas vindas de outros municípios como Laranjeiras, Nossa senhora do Socorro, Itabaiana e Aracaju.

Outra festividade, que Antônio realiza ultrapassando as fronteiras foi a Festa do Bom Jesus dos Navegantes. Esta era realizada com novenas e procissão fluvial pelo Rio Sergipe, embarcando em Pedra Branca povoado da cidade de Laranjeiras, e assim, navegando com destino a cidade de Riachuelo.

A população ansiosa aguardava na ponte do município a chegada das embarcações, que vinham em uma procissão fluvial, porém, ao chegar à terra firme havia a saudação de fogos e de hinos ao som da Banda de Música Tasso Martins Bezerra e cortejos dos grupos folclóricos se destacando entre os grupos a “Chegança”.

Com isso, seguia em procissão até a Praça Coronel Antônio Franco no centro do município, onde em cima do Coreto era realizada a missa e benção do santíssimo e assim finalizando a eventualidade.

Durante as novenas realizadas aos santos Antônio e São Roque, era organizada a distribuição de lanches para as crianças, cada noite era um tipo de comida típica diferente e isso se estendia até o ultimo dia da festa.

“Cada noite era diferente para as crianças, os adultos entravam, mais quem ficava depois era as crianças que ele dava comida, uma noite era arroz doce, outro mungunzá, cachorro quente, Ki-suk com bolachão, entre outros.” (Iracilda Silva Santos, 08/02/2010)

Contudo, mesmo sendo padre, Antônio não perde a prática da fartura devido ao hábito herdado do seu orixá Odé Mutalambô (divindade da alimentação). Além disso, vale ressaltar que o convívio de Antônio com o Pe. Padilha foi muito importante para sua formação cristã, ao ponto receber livros com novenas escritos em latim do respeitável.

Portanto, é com a morte de Antônio em 19 de outubro de 2000, que o homem híbrido de várias facetas deixa o aiê para ir ao orum, segundo o entendimento do candomblé. O sujeito estudado não temia a morte ao ponto de cunhar seu próprio testamento e por essa passagem não houve o axexê e sim um grande sacudimento, pois a casa já tinha o seu herdeiro escolhido, Heraldo Alves dos Santos. Assim sendo, devido a sua relevância social em Riachuelo/Sergipe, diante seu itinerário, em 2017 foi aprovado na Câmara Municipal desta cidade, uma lei que insere no calendário cultural o dia do povo de terreiro a ser comemorado na data da morte do senhor Antônio Gomes de Oliveira.